



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
SANTA MARIA – RS
COLÉGIO ESTADUAL MANOEL RIBAS



ATIVIDADE PROGRAMADA – 07/07/2020

Professoras: Ananda de Belgrado Aita, Carine da Silva Lorensi, Cristiane dos Santos Gonçalves, Jamille Arispe Xavier,

Sabrina Gerhardt Bomfim Lopes.

Área: Linguagens, códigos e suas Tecnologias.

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano

NOME: _____ TURMA: _____

QUE LÍNGUA É ESSA?

O mito e a realidade; o errado e o diferente; o eu e o outro

O mito da língua única

À noite, como ficou combinado, reúnem-se todas na sala grande da lareira, devidamente acesa. Diante do fogo há um largo tapete felpudo sobre o qual foram espalhadas algumas almofadas grandes e macias. No centro, uma mesinha baixa com um bule de chá, outro de chocolate, canecas de louça branca, um prato com biscoitinhos, outro com um apetitoso bolo inglês. [...]

— E então, essa aula começa ou não começa? — pergunta Sílvia, tornando a encher a xícara de chocolate.

— Aula? — surpreende-se Irene. — Eu tinha pensado só num bate-papo, nada de muito sério... Afinal, estamos todas de férias, não é? — e pisca um olho para a sobrinha.

— Mas bater papo com alguém que sabe a Divina Comédia de cor vale por uma aula... — diz Emília.

Sorriso geral.

— Já que você insiste, vamos começar — diz Irene. — E quero começar pedindo a vocês que me respondam: “Quantas línguas se fala no Brasil?” Silêncio. As três, tímidas, não ousam arriscar uma resposta. Emília cutuca Vera com o cotovelo e diz:

— Vera, você faz Letras: é obrigada a saber a resposta... Vera, assim convocada em seus **brios** (orgulhos) acadêmicos, **pigarreia** e diz:

— Bom, o que a gente aprende na escola, desde pequena, é que no Brasil só se fala português.

— Isso mesmo — confirma Sílvia. — No Brasil a gente fala português de Norte a Sul.

Irene escuta com atenção. Depois começa a falar:

— É bem a resposta que eu esperava. E não havia por que ser diferente. Meninas, na tradição de ensino da língua portuguesa no Brasil existe um mito que há muito tempo vem causando um sério estrago na nossa educação.

— Que mito é esse, tia?

— É o mito da *unidade linguística do Brasil*.

As três moças se entreolham, surpresas. Irene prossegue:

— O mito da unidade linguística do Brasil pode ser resumido na resposta que a Vera e a Sílvia me deram agora há pouco: “No Brasil só se fala uma língua, o português”. Um mito, entre outras definições possíveis, é uma ideia falsa, sem correspondente na realidade.

— Quer dizer que a resposta delas é falsa, mentirosa? — pergunta Emília.

— Exatamente — responde Irene.

— E por quê, tia?

— Primeiro, no Brasil não se fala uma só língua. Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos etc.

— Mas os índios são muito poucos e vivem isolados — replica Sílvia.

— Ê, e as comunidades de imigrantes também são uma minoria dentro do conjunto total da população brasileira — completa Emília.

— A língua mais usada, mais falada, mais escrita é mesmo o português — conclui Vera.

— Poder ser — diz Irene. — Mas mesmo deixando de lado os índios e os imigrantes, nem por isso a gente pode dizer que no Brasil só se fala uma única língua. Talvez vocês se surpreendam com o que vou dizer agora, mas não existe nenhuma língua que seja uma só.

— Como assim, Irene? — pergunta Emília, espantada. — Que quer dizer isso?

— Isso quer dizer que aquilo que a gente chama, por comodidade, de *português* não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de “coisas” aparentadas entre si, mas com algumas diferenças. Essas “coisas” são chamadas *variedades*.

Toda língua varia

— Puxa vida, estou entendendo cada vez menos — queixa-se Sílvia.

— Vamos bem devagar para as coisas ficarem claras — propõe Irene. — Você certamente já ouviu um português falar, não é?

— Já — responde Sílvia.

— Já percebeu as muitas diferenças que existem entre o modo de falar do português e o modo de falar nosso, brasileiro. De que tipo são essas diferenças? Vamos ver algumas delas:

- diferenças fonéticas (no modo de pronunciar os sons da língua): o brasileiro diz eu sei, o português diz eu saí;

- diferenças sintáticas (no modo de organizar as frases, as orações e as partes que as compõem): nós no Brasil dizemos estou falando com você; em Portugal eles dizem estou a falar consigo;

- diferenças lexicais (palavras que existem lá e não existem cá, e vice-versa): o português chama de saloio aquele habitante da zona rural, que no Brasil a gente chama de caipira, capiau, matuto;

- diferenças semânticas (no significado das palavras): cuecas em Portugal são as calcinhas das brasileiras. Imagine uma mulher entrar numa loja de São Paulo e pedir cuecas para ela usar! Vai causar o maior espanto!

- diferenças no *uso* da língua. Por exemplo, você se chama Sílvia e um português muito amigo seu quer convidar você para jantar. Ele provavelmente vai perguntar: “A Sílvia janta conosco?” Se você não estiver acostumada com esse uso diferente, poderá pensar que ele está falando de uma outra Sílvia, e não de você. Porque, no Brasil, um amigo faria o mesmo convite mais ou menos assim: “Sílvia, você quer jantar com a gente?” Nós não temos, como os portugueses, o hábito de falar diretamente com alguém como se esse alguém fosse uma terceira pessoa...

— Tudo bem até agora? — pergunta Irene.

— Tudo bem — responde Sílvia.

— Essas e outras diferenças — prossegue Irene — também existem, em grau menor, entre o português falado no Norte-Nordeste do Brasil e o falado no Centro-Sul, por exemplo. Dentro do Centro-Sul existem diferenças entre o falar, digamos, do carioca e o falar do paulistano. E assim por diante.

Irene faz uma pequena pausa. Toma um gole de chá e continua:

— Até agora, falamos das *variedades geográficas*: a variedade portuguesa, a variedade brasileira, a variedade brasileira do Norte, a variedade brasileira do Sul, a variedade carioca, a variedade paulistana... Mas a coisa não para por aí. A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades geográficas, outros tipos de variedades: *de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais etc.*

— E cada uma dessas variedades equivale a uma língua? — pergunta Emília.

— Mais ou menos — responde Irene. — Na verdade, se quiséssemos ser exatas e precisas na hora de dar nome a uma língua, teríamos de dizer, por exemplo, falando da Vera: “Esta é a língua portuguesa, falada no Brasil, em 2001, na região Sudeste, no estado e na cidade de São Paulo, por uma mulher branca, de 21

anos, de classe média, professora primária, cursando universidade” etc. Ou seja, teríamos de levar em conta todos os elementos — chamados *variáveis* — que compõem uma *variedade*. É como se cada pessoa falasse uma língua só sua...

Toda língua muda

— Deu para entender o que é uma variedade, Sílvia? — pergunta Irene.

— Deu, sim, é até mais fácil do que eu pensava — responde a estudante de Psicologia.

Irene dá um sorriso maroto e fingindo um tom de ameaça anuncia:

— Mas a coisa pode ficar ainda mais complicada...

— Como, tia?

— Pegue, por exemplo, um texto de jornal escrito no começo do século XX. Você vai sentir diferenças no vocabulário e no modo de construção da frase. Recue mais um pouco no tempo e tente encontrar alguma coisa escrita no começo do século XIX, em 1808, por exemplo, quando a família real portuguesa se transferiu para o Brasil. Mais diferenças ainda. Dê um salto ainda maior e tente ler a famosa carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel I dando a notícia do descobrimento do Brasil. Um texto de 1500, último ano do século XV! Tem muita coisa ali que a gente nem consegue entender! E se quisermos ler uma *cantiga d’amor*, como a que citei hoje à tarde, que era um gênero de poesia praticado em Portugal nos séculos XII-XIII? Quase impossível: só mesmo com a ajuda e a orientação de um filólogo, especialista em textos antigos! O que todos esses textos têm em comum?

— Foram todos escritos em português, não é? — arrisca Sílvia.

— Sim — responde Irene.

— Por que será então que eles vão se tornando cada vez menos compreensíveis para um brasileiro no início do século XXI? — quer saber Vera.

— Porque toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também *muda com o tempo*. A língua que falamos hoje no Brasil é diferente da que era falada aqui mesmo no início da colonização, e também é diferente da língua que será falada aqui mesmo dentro de trezentos ou quatrocentos anos!

— Parece lógico — comenta Sílvia. — Todas as coisas mudam, os costumes, as crenças, os meios de comunicação, as roupas... até os bichos evoluíram e continuam evoluindo... Por que a língua não haveria de mudar, não é?

— É por isso — prossegue Irene — que nós linguistas dizemos que *toda língua muda e varia*. Quer dizer, muda com o tempo e varia no espaço. Temos até uns nomes especiais para esses dois fenômenos. A mudança ao longo do tempo se chama *mudança diacrônica*. A variação geográfica se chama *variação diatópica*. E é por isso também que não existe *a língua portuguesa*.

— Ah, não? — admira-se Emília. — Então o que é que existe?

— Existe um pequeno número de variedades do português — faladas numa determinada região, por determinado conjunto de pessoas, numa determinada época - que, por diversas razões, foram eleitas para servirem de base para a constituição, para a elaboração de uma *norma-padrão*. A norma-padrão é aquele *modelo ideal* de língua que deve ser usado pelas autoridades, pelos órgãos oficiais, pelas pessoas cultas, pelos escritores e jornalistas, aquele que deve ser ensinado e aprendido na escola. Vejam bem que eu disse aquele que deve ser, não aquele que necessariamente é empregado pelas pessoas cultas. Essa norma, ao longo do tempo, se torna objeto de um grande investimento...

— Investimento, Irene? — pergunta Sílvia. — Como assim?

— No processo de constituição, de cristalização da norma-padrão como o que deve ser “a” língua, ela é analisada pelos gramáticos, que escrevem livros para descrever as regras de funcionamento dela, livros que servem ao mesmo tempo para prescrever essas regras, isto é, impor essas regras como as únicas aceitáveis para o uso “correto” da língua. Os dicionaristas também se debruçam sobre a norma-padrão e tentam definir os significados precisos para as palavras que compõem esse padrão. A Academia de Letras estabelece a ortografia oficial, a maneira única de escrever, que é imposta por decreto-lei governamental. Ela também cuida para que palavras de origem estrangeira não “contaminem” excessivamente a língua, e propõe novos termos para substituí-las, termos com uma forma mais próxima daquilo que os tradicionalistas chamam de “a índole da língua”. Os autores de livros didáticos preparam seus manuais escolares pensando em estratégias pedagógicas eficazes para que as crianças aprendam a norma-padrão... Todo esse trabalho de padronização, de criação e cultivo de um modelo de língua, é que compõe o tal investimento de que eu falei... Por isso a norma-padrão dá a impressão de ser mais rica, mais complexa, mais versátil que todas as demais variedades da língua faladas pelas pessoas do país. Na verdade, ela nada tem de melhor que essas variedades, ela só tem mais que as outras.

— E o que é que ela tem mais que as outras? — pergunta Sílvia.

— Por causa do tal investimento, a norma-padrão tem principalmente mais palavras eruditas, tem mais termos técnicos, tem um vocabulário maior e mais diversificado. Ela também tem mais construções sintáticas consideradas de bom-gosto, tem expressões de origem erudita que servem de modelos para serem imitados, metáforas clássicas que dão um ar “nobre” à linguagem... Mas se esse mesmo investimento fosse aplicado a qualquer uma das muitas variedades faladas no país, ela também se enriqueceria e se mostraria capaz de ser veículo para todo tipo de mensagem, de discurso, de texto científico e literário...

(Marcos Bagno)

Questões sobre o texto:

- 1) **No texto lido, as personagens fictícias expõem conceitos e teorias sobre a língua. Identifique no texto quais são os posicionamentos das personagens Vera e Irene sobre a língua.**
- 2) **Transcreva o trecho do texto que apresenta o conceito de norma-padrão.**
- 3) **Qual das personagens Silvia, Emília, Vera ou Irene concorda com esse conceito? Justifique com passagens do texto.**
- 4) **Você concorda com o posicionamento de qual das personagens do texto? Por quê?**
- 5) **Com suas palavras explique o que são variedades de gênero, socioeconômica, etária e nível de instrução?.**
- 6) **De acordo com o texto, o que é mito? Identifique esse conceito e registre-o.**
- 7) **Assinale as opções abaixo que, de acordo com o texto, o que contribui para que determinada variedade linguística seja considerada padrão.**

- () a descrição e a prescrição das regras de determinada variedade pelos gramáticos.
- () O registro dos significados precisos das palavras que compõem esse padrão pelos dicionaristas.
- () O estabelecimento da ortografia oficial pela Academia Brasileira de Letras.
- () O uso da norma-padrão pelos setores dominantes: academia, falantes cultos e da posição social elevada.
- () A proibição legal de outras variedades consideradas erradas.

LÍNGUA E CONTEXTO – VARIEDADE LINGUÍSTICA _____

Imagine dois eventos comunicativos em que você e os seus vizinhos falam sobre as más condições em que se encontra o bairro que vocês moram – o primeiro se dá em uma confraternização numa mesa de bar, e o segundo, numa reunião dos moradores do bairro com o prefeito da sua cidade. Em ambas as situações, certamente, a utilização da língua se dará de forma diferente, pois *a uso* dela estará diretamente relacionado *ao contexto, aos interlocutores e aos propósitos comunicativos*. Ou seja, a utilização da variedade linguística não se faz de forma aleatória, mas o seu emprego depende fundamentalmente de circunstâncias tais como *expressão escrita ou oral, situação formal ou informal, destinatário íntimo ou pessoa desconhecida e/ou distante*.

Um equívoco decorrente dos estudos sobre as variedades de fala é o entendimento de que a variação ocorre somente na fala. Assim como existem contextos formais e informais para fala, também existem contextos formais e informais para escrita.

Vale ressaltar que, do ponto de vista da comunicação, qualquer desses diferentes usos da língua é igualmente válido. Socialmente, entretanto, há variantes de maior e de menor prestígio como veremos a seguir:

(ADAPTADO; AIUB, Tania. *Português: práticas de leitura e escrita*. Porto Alegre: Penso, 2015, p.40)

EXERCÍCIOS:

1. Leia os textos reproduzidos a seguir e responda ao que se pede:

A – Um secretário municipal dirigindo-se por meio de carta a moradores da cidade.

Sr. Consumidor,

O secretário do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos informa que os níveis de água da cidade estão muito baixos. Comunica que, caso não seja diminuído o consumo de água durante o verão, haverá cortes no fornecimento, além de aumento no valor das contas a serem pagas.

B – Um grupo de alunos dirigindo-se por meio de um cartaz ilustrando aos colegas de escola.

Oi galera, a situação tá sinistra na cidade toda: se a gente der uma de vacilão em casa e aqui na escola, vai faltar água para todo mundo. Se liga meu, e vê se não desperdiça água! Vamo lá gente!!!!

Pode-se afirmar que os dois textos atingiram seus objetivos de comunicação?

Indique em qual dos textos acima há expressões que fogem ao padrão culto da língua escrita e identifique

2. (ENEM 2009)

A escrita é uma das formas de expressão que as pessoas utilizam para comunicar algo e tem várias finalidades: informar, entreter, convencer, divulgar, descrever. Assim, o conhecimento acerca das variedades linguísticas sociais, regionais e de registro torna-se necessário para que se use a língua nas mais diversas situações comunicativas. Considerando as informações acima, imagine que você está à procura de um emprego e encontrou duas empresas que precisam de novos funcionários. Uma delas exige uma carta de solicitação de emprego. Ao redigi-la, você

- a) fará uso da linguagem metafórica.
- b) apresentará elementos não verbais.
- c) utilizará o registro informal.
- d) evidenciará a norma padrão.
- e) fará uso de gírias.

NORMA CULTA E LINGUAGEM COLOQUIAL

Cada falante da língua utiliza uma variante determinada pelo momento histórico em que vive, pela região em que mora, pela classe social a que pertence, por sua formação cultural. Mas há *dois padrões de linguagem* que devemos saber e explorar:

Norma culta - usada em situações formais, especialmente em textos escritos.

Linguagem coloquial - usada no dia a dia, em situações informais.

	Norma culta	Linguagem coloquial
Fonologia	<ul style="list-style-type: none"> • Pronúncia de r e s finais • Respeito as sílabas tônicas de todas as palavras, mesmo das menos comuns. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pronúncia em que, às vezes, de r e s finais não s
Léxico	<ul style="list-style-type: none"> • Vocabulário preciso. • Ausência de gírias 	<ul style="list-style-type: none"> • Vocabulário menos preciso. (Ex. Botar, no lugar, de pôr.) • Presença de algumas gírias.
Morfossintaxe	<ul style="list-style-type: none"> • Verbos conjugados de acordo com os padrões da gramática normativa. • Nomes flexionados de acordo com as normas da gramática normativa. • Pronomes empregados de acordo com os padrões da gramática normativa. • Regras de concordância e de regência da gramática normativa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nem todas as normas de flexões de nomes e verbos da gramática normativa são seguidas. • As construções evitam concordância na 1º pessoa do plural. • Emprego de pronomes sem observância das regras da gramática normativa.

(PEREIRA, Helena Bonito. *Na trama do texto: língua portuguesa*. São Paulo: FDT, 2004.)

1. (Unesp – Sp)

Se o sinhô não tá lembrado,
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse adifício arto
Era uma casa veia,
Um palacete assobradado.
Foi aqui, “seu” moço,
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mais, um dia,
– Nóis nem pode se alembra –,
Veio os homens c’as ferramentas,
O dono mandô derrubá.
Peguemos todas nossas coisas
E fumos pro meio da rua
Preciá a demolição
Que tristeza que nóis sentia
Cada tauba que caía
Duía no coração
Mato Grosso quis gritá
Mais em cima eu falei:
Os homens tá c’a razão,
Nóis arranja otro lugá.
Só se conformemos quando o Joca falô:
“Deus dá o frio conforme o cobertô”.
E hoje nóis pega paia nas gramas do jardim
E p’ra esquecê nóis cantemos assim:
Saudosa maloca, maloca querida, dim, dim,
Donde nóis passemos dias feliz de nossa vida.

A letra de “Saudosa Maloca” pode ser considerada como realização de uma “linguagem artística” do poeta, estabelecida com base no uso de registros populares. Um exemplo é a eliminação do **-r** final de algumas palavras, o que **não** ocorre só em

- a) sinhô
- b) contá
- c) alembirá
- d) coberto
- e) paia

2. As diferentes esferas sociais de uso da língua obrigam o falante a adaptá-la a variadas situações de comunicação. Uma das marcas linguísticas que configuram a linguagem oral informal usada entre avô e neto neste texto é

- a) opção pelo emprego da forma verbal “era” em lugar de “foi”.
- b) a ausência de artigo antes da palavra “árvore”.
- c) o emprego da redução “tá” em lugar da forma verbal “está”.
- d) ao uso da contração “desse” em lugar da expressão “de esse”.
- e) a utilização do pronome “que” em início de frase exclamativa.

